

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

EZILDA PRIMO DE ANDRADE

**A IMPORTÂNCIA AFETIVA ENTRE PROFESSOR
E ALUNO NO DESENVOLVIMENTO DA LEITURA**

CAMPINAS 2008

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

EZILDA PRIMO DE ANDRADE

**A IMPORTÂNCIA AFETIVA ENTRE PROFESSOR
E ALUNO NO DESENVOLVIMENTO DA LEITURA**

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia -
Programa Especial de Formação de Professores
em Exercício nos Municípios da Região
Metropolitana de Campinas, da Faculdade de
Educação da Universidade Estadual de Campinas,
como um dos pré-requisitos para conclusão da
Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS

2008

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

An24i	<p>Andrade, Ezilda Primo de</p> <p>A importância afetiva entre professor e aluno no desenvolvimento da leitura: memorial de formação / Ezilda Primo de Andrade. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.</p> <p>Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).</p> <p>1. Trabalho de conclusão de curso. 2 Memorial. 3 Experiência de vida. 4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. II. Título.</p> <p>08-360-BFE</p>
-------	---

A todos que contribuíram de forma direta ou indireta para a conclusão desse trabalho, e dar um pequeno passo para ser um ser humano diferenciado e um grande salto para o despertar do conhecimento...

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter concedido a realização dos meus sonhos, ter proporcionado força, saúde e coragem para participar dessa rica aprendizagem.

Aos docentes da turma “H” que, durante esses três anos de curso, com admirável sabedoria, inteligência e competência, nortearam o caminho para a nossa construção e aperfeiçoamento da aprendizagem e conhecimentos, interagindo prática e a teoria.

Às minhas colegas de grupo Inês Pereira, Juliana Ramos e a Juliana de Paula que, além da amizade, contribuíram – e muito - para eu chegar ao término do curso. Obrigado por tudo. Amo vocês!!! Vocês ficarão para sempre no meu coração!!!

Aos meus queridos ex-alunos, e aos atuais, com os quais aprendi que a luta vale a pena e por me ensinarem a ser professora, pois ao escrever esse memorial de formação são reais protagonistas dos meus relatos de experiência e práticas docentes.

Agradeço principalmente à minha família, meus queridos e respeitados pais, Senhor Amador e Senhora Rosalina, pois sei do orgulho que sentem pela minha formação acadêmica; ao meu esposo Donizete; aos meus filhos Geyson Roberto e o Jefferson Matheus; à minha filha Anne Monique; minhas noras Aline e Cristiane; meu genro João Paulo por ter colaborado na hora em que tanto precisei da sua ajuda; às minhas queridas netas Caroline e a Anny Caroliny; aos netos Isaac e o Vinicius, pela paciência e dedicação que, durante o curso e a elaboração desse memorial, tanto me apoiaram. Amo vocês!!! Que Deus os abençoe!!!

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	1
1 RECORDAÇÕES DE MINHA INFÂNCIA	3
1.1 Minha escolarização	6
1.2 Uma boa mudança	8
1.3 Aparente fim da minha escolarização	10
2 A LUTA PARA A CONQUISTA DE UM IDEAL: SER PROFESSORA!!!	12
2.1 Minha formação do Magistério	14
2.2 Uma mudança no rumo do meu sonho	15
3 A PRIMEIRA CLASSE: NOVOS RUMOS E DESAFIOS	17
4 UMA NOVA OPORTUNIDADE DE EXERCITAR A MINHA PRÁTICA	21
5 FAMÍLIA: IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO E INTERAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA	25
6 PROESF: A TRANSFORMAÇÃO DO CONHECIMENTO!!!	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32

APRESENTAÇÃO

A idéia de escrever sobre o tema afetividade surgiu diante de uma grande reflexão sobre toda a minha vida desde a infância até hoje como pessoa e educadora.

Apesar de uma infância privilegiada e abençoada por Deus, foi através da educação que recebi dos meus pais que vivi as primeiras marcas deixadas pela falta de carinho e diálogo - os fatores da influência de uma educação predominante e tradicionalista da época, onde o aspecto da questão afeto não existia no ambiente escolar e o professor detentor do saber, fatos esses que marcariam a minha trajetória pessoal e profissional.

Com a decisão dos meus pais em mudar-se para outra cidade, para tentar oferecer condições de vida melhor para nós seus filhos, tive a grande oportunidade de conhecer novas professoras que, engajadas a gestos afetivos e com posturas de professoras mediadoras, mudariam o meu comportamento e fariam aumentar o meu entusiasmo de aprender, contribuindo para o desenvolvimento da minha personalidade e inserção social, despertando o interesse para o grande sonho, de ser professora.

A luta não foi fácil, muitos empecilhos e pedras no meu caminho até chegar à formação do Magistério e ao curso de Pedagogia.

Na primeira classe, os desafios que enfrentei para ocasionar mudanças em comportamentos de docentes e a minha contribuição para a valorização dos alunos no meu primeiro emprego como educadora. Não deixando de lado a importância que a família representa para a formação e efetivação do vínculo afetivo entre escola-professor-aluno para o desenvolvimento da aprendizagem.

Vou destacar a importância do PROESF (Curso de Formação de Professores) como transformador do conhecimento em minha vida, os benefícios, profissional e pessoal que elevaram meus pensamentos e me conduziram a um entrelaçamento de sentimentos e valores muito amplo, sempre direcionado a uma reflexão de maior relevância para o tema e sua relação com a educação.

É sobre essas experiências com a afetividade, que vivenciei enquanto criança, pessoa e educadora, e o intuito de fazer uma relação com o aspecto da questão do afeto e, aos fatos marcantes que, permearam para a construção da minha identidade, também a maneira que essa questão está inserida no meu dia-a-dia e na minha prática pedagógica, que vou escrever esse memorial.

Como embasamento teórico relacionado ao tema afetividade refleti sobre diversos autores que destacam esse aspecto da questão afetiva na aprendizagem como, por exemplo: Freire, Paulo – Pedagogia da Autonomia, Leite, Sérgio Antonio – In Afetividade e sala de aula. Almeida, Ana – Da Emoção na sala de aula; Tassoni, Elvira Cristina Martins – Alfabetização e Letramento – A afetividade e o processo de apropriação da linguagem escrita. E outros. A partir daí farei relações com as minhas expectativas, desafios e prática docente no ambiente escolar e sala de aula, sempre engajados a aprendizagem que obtive no curso de pedagogia do Proesf (Curso de Formação de Professores).

RECORDAÇÕES DE MINHA INFÂNCIA

“... As coisas tangíveis, tornam-se insensíveis à palma da mão.

Mas as coisas findas, muito mais que lindas, essas ficarão.”

(Carlos Drumon de Andrade)

É com esse pensamento que dou início as lembranças da minha infância e para isso torna-se necessário voltar no túnel do tempo, um passado distante cujas lembranças me trazem alegrias, emoções e saudades, onde as coisas boas e lindas ficarão para sempre em minha memória.

Posso dizer que foi uma infância privilegiada e abençoada por Deus, pois fui criada em fazenda, onde tudo era felicidade, desde o amanhecer quando ajudava meus tios a tirar leite das vacas, até o anoitecer quando corria atrás dos vaga-lumes para ver de onde vinha àquela luz que brilhava entre as flores do jardim da minha querida avó. A tranqüilidade reinou na minha infância junto aos meus outros cinco irmãos. Podíamos correr pular entre galhos das árvores frutíferas, colher cachos de bananas, chupar manga do pé, entre tantas outras delícias.

Numa aula de multiculturalismo, ainda no início do curso a Ap. Dalva solicitou para nós alunas que, representássemos de alguma maneira a nossa vida, então produzi esta poesia que traduz um pouco da minha história.

A menina e o tempo

O tempo passa...

Nasce uma menina

O tempo passa...

A menina

Cresce

Sonha

Vive

O tempo passa...

A menina

Sorri

Faz poesia
Lê poesia
O tempo passa...
A menina
Espera
Luta
Realiza
O tempo passa...
A menina
Torna-se mulher
Maternidade
Luz
sabedoria
O tempo passa...
A menina
Sou eu...
(EZILDA)

Apesar dos meus avós terem boa situação financeira, como fazendeiros, dono de terras, onde cultivavam algodão, batata, amendoim e principalmente o café, a família era muito simples e todos analfabetos. Meu pai, dono de uma pequena gleba de terra, trabalhava como lavrador nas fazendas da redondeza ou mesmo para meu avô e, sem recurso financeiro, criava com dificuldades os seus seis filhos. Eu era a segunda filha.

Apesar dessa infância tranqüila, nossa educação foi rígida e severa. Meus pais faziam questão de seguir a educação que haviam recebido dos seus progenitores.

Minha mãe, sempre muito apegada aos filhos, não era autoritária, mas exigia obediência. Sem diálogo fomos crescendo, não podíamos questionar ou expressar nossas idéias. Para ela, esta seria a melhor forma de tornar-nos cidadãos honestos, trabalhadores e educados. Embora dedicada e amorosa, não sabia lidar com a relação entre pais e filhos, e acredito que como nunca ouvira falar sobre afetividade, não podia entender a importância que o diálogo e um gesto de carinho poderiam representar para uma criança. Não entendia que a educação que nos oferecia era para a submissão e o medo, que deixaria marcas profundas no desenvolvimento de cada um de nós.

Meu pai, sempre trabalhador, garantia o sustento da família e mantinha-se distante dos filhos. Para ele, esse comportamento era normal e certo, era primordial o respeito, onde apenas com um olhar abaixávamos a cabeça, não podíamos chegar perto para um simples diálogo.

Sempre soube do amor que tanto meu pai como minha mãe tinham por nós, nos defendendo de todo mal que por ventura nos rodeasse; nunca os culpei nem cobrei por isso. Entendi que não podiam nos oferecer o que não haviam recebido, pois meus avós eram descendentes de italianos, muito severos e autoritários e não permitiram que suas filhas mulheres fossem à escola para serem alfabetizadas, eram educadas para serem esposas e donas de casa. Minha mãe e minhas tias e tios seguiam padrões de educação rígidos impostos pela sociedade tradicionalista da época.

Assim, com essa educação dos meus pais para com os filhos, eu e meus irmãos nos tornamos crianças inseguras. A falta de segurança em nossas atitudes sempre foi muito constante e evidente, principalmente na minha vida e na de meu irmão mais velho, pois sofremos ainda mais a consequência dessa educação. Mesmo adultos com muita experiência da vida, carregamos as marcas dessa caminhada.

Mesmo com a boa relação que existia entre eu, meus irmãos, juntamente com meus tios dentro do ambiente familiar, tornei-me uma menina muito calada e tímida, pois, como disse, a insegurança fazia parte do meu desenvolvimento desde a infância.

Ao entrar para a escola, pensei que poderia então romper tais marcas, mas não consegui. Ficava nos cantos sempre muito calada, não interagia com as outras crianças, sempre na espera de ser convidada para participar das conversas e brincadeiras, pois tinha sido educada dessa maneira.

Minha escolarização

Iniciei a primeira série aos seis anos, na escola rural na cidade de Irapuru (São Paulo), onde nasci. Esforçada, não tinha dificuldades de aprender, mas quando não entendia, não perguntava; envergonhada, estudava sozinha em casa até entender a lição. Logo percebi que o sistema de ensino não era muito diferente da educação que recebia em casa; a diferença era que meus pais não eram violentos. Com professores tradicionais e rígidos, a palmatória era usada normalmente e com isso a minha timidez e medo tornavam-se mais evidente. O objetivo principal do professor era transmitir conteúdos, e eu assimilava e obedecia. Sempre cumpria os deveres e regras: não podia levantar da carteira, deveria decorar todo o conteúdo, principalmente a tabuada para responder oralmente, pois, com uma enorme régua na mão o professor ou o diretor fazia valer dos seus “direitos”. Mesmo assim, embora não tivesse ou sentisse algum tipo de aproximação entre nós alunos e nossa professora, sempre nutri grande admiração, afeto e carinho por ela.

Da escola do Bairro Patury, onde estudei os dois primeiros anos, lembro-me do caminho longo cheio de árvores, pássaros cantando, o pequeno caldeirão que minha mãe preparava para minha merenda, a areia que feliz e descalça chutava juntamente com meu irmão mais velho na caminhada para a escola.

Guardo a única manifestação de carinho que recebia da merendeira (não me lembro seu nome) quando todo o dia se preocupava em guardar e esquentar a comida para eu comer bem quentinha.

Da minha alfabetização, lembro-me da cartilha “Caminho Suave”. Todos os dias a professora fazia a leitura depois as cópias e a memorização. Treinava a leitura em casa, pois tinha medo de ser chamada para ler, e não conseguir, também ficava muito triste quando um colega era colocado de joelhos à frente de todos, muitas vezes em cima de milho. Nesses instantes todos ficavam calados a observar as atitudes de represálias da professora, pois era ela a detentora da situação, de poder. A afetividade, a emoção e o diálogo permaneciam muito distante da sala de aula. Freire assim enfatiza em seu livro:

“O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das

peçoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca” (FREIRE, 1996, p 73)

Considerando a brilhante citação, fico muito triste ao pensar nos alunos que sofreram com estas marcas, ou ainda sofrem, por carregarem pelo resto da vida as marca de um tempo em que não se conhecia a palavra afetividade e não existia diálogo entre professor e aluno no dia-a-dia de uma sala de aula. Embora, hoje com grandes mudanças na postura dos educadores e do sistema educacional, ainda convivemos com profissionais que adotam comportamentos muito parecidos, demonstrados quando não aceitam uma nova reflexão ou um novo olhar para com seus alunos, não se preocupando ou não dando valor a vínculos formados em sala de aula. Penso que todo professor deve repensar e analisar suas atitudes, quais marcas ele deseja deixar na vida do seu aluno, sabendo que tais marcas ficarão para sempre, seja elas boas para a construção da personalidade ou incertezas, medo de enfrentar o futuro, e a mais grave de todas as marcas, que é o fracasso escolar.

No entanto, podemos pensar que, algum dia, o processo educacional tomará novos rumos e cada elemento envolvido com a educação dará sua contribuição para um modelo de educação melhor, onde todos tenham os mesmos objetivos, que devem ser a construção do conhecimento para formar cidadãos fundamentados no amor e no respeito, ou seja, no afeto.

Uma boa mudança

As dificuldades com a lavoura levaram meus pais a migrarem com os seus seis filhos para a cidade de Campinas e, matriculada em uma nova escola, conheci a professora Eni, jovem e recém-formada. Senti que tudo mudaria para mim: se já me interessava em aprender, a partir deste encontro passei a ter mais interesse. A professora era dedicada, engajada a uma proposta de ensino com carinho e diálogo. A professora Eni sabia sorrir, na hora da merenda costumava brincar com os alunos: estendia a mão e brincávamos de roda, sentia o calor da sua mão e ficava encantada, não tinha vergonha, sentia que podia confiar. Nascia em mim a grande vontade de ser professora.

Ao lembrar dessa época tão distante fico muito feliz, esse talvez foi o melhor período da minha vida enquanto estava na escola: aquele pegar na mão era um convite para eu falar, sorrir, brincar, questionar e ouvir respostas. Comecei a ler sem medo, gostava das atividades pedagógicas propostas pela professora, pois tudo era na base do diálogo, nunca esqueci dos seus questionamentos, ela respeitava as nossas respostas sobre nosso dia-a-dia e nos contava sobre o seu. Desse modo pude perceber a transformação e formação de minha personalidade. A professora Eni marcou o início de um grande sonho.

Ao término do ano mudamos para a cidade de Sumaré e, mesmo com dificuldade, meu pai fazia questão que eu terminasse a ensino primário. Na nova escola conheci a professora Maria Pacheco, logo que a vi gostei dela, não era tão jovem quanto a professora Eni, não brincava, mas com ela aprendi a recitar poesias e em todas as homenagens, lá estava eu desenvolta a recitar. Comecei a ler tudo que podia, gibi, receitas e até fotonovelas, não só tinha prazer em ler, mas também de criar histórias. A redação que eu fazia a professora mandava ler para a classe, o meu caderno era exemplo para todos, desse modo a minha aprendizagem era efetivada a cada dia com muita alegria e motivação e sentia que a professora Maria Pacheco gostava de nos ensinar, demonstrava até no seu semblante.

Hoje, com a formação do curso de pedagogia do Proesf, posso refletir e entender essas tão queridas professoras que tanto mudaram o aprendizado que tive na minha infância. Freire (1983) nos diz que não existe educação sem amor: “Ama-

se na medida em que se busca comunicação, integração, a partir da comunicação com os demais” (p.23). Assim, a posição dessas professoras mediadoras foi muito importante para o processo do meu desenvolvimento na leitura e escrita e interação com os outros alunos, ao mostrar que, com a sua energia afetiva e positiva, o professor pode transferir seus conteúdos e os alunos, a partir desses vínculos afetivos, desenvolvem a aprendizagem. Penso que a afetividade encontra-se presente em todo o trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor, e não apenas nas relações de “tête-à-tête” com seus alunos.

Ao voltar meus pensamentos para essa época, fico emocionada, faz tanto tempo. Aos poucos os fatos surgem e dão vida a minha memória, ao ler alguns livros de autores que tratam da questão afetividade e a importância da influência que o professor exerce na formação e desenvolvimento na vida do aluno. Ainda em Freire (1996), que declara: “O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo” (p.23).

.Ao refletir sobre esta idéia, penso na importância que a professora Eni e a professora Maria Pacheco tiveram no desenvolvimento da minha educação como aluna e pessoal. Talvez sem perceberem, ainda mergulhadas na concepção do ensino tradicional, mas seus pequenos gestos, o dar as mãos, o olhar carinhoso, o sorriso, esses marcaram minha vida e permanecem até hoje. Considerando o pensamento do autor sobre a importância do gesto na vida do aluno, faz-se necessário uma ampla reflexão, com novo olhar para a educação no qual é imprescindível a conscientização do professor quanto ao seu papel na relação com os alunos.

Aparente fim da minha escolarização

Assim conclui a 4ª série do primeiro grau, hoje ensino fundamental. O ensino tradicional predominou único no Brasil durante década, indo dos anos 60 até os anos 80. As marcas deste conceito educacional era a autoridade, o professor detentor do saber, os castigos, a memorização e decodificação de símbolos, a falta de reflexão, de diálogo, de afetividade. Um dos fatores que enfrentei - digo enfrentei porque esta época foi muito influente e crucial na minha vida, vi os meus sonhos desmoronarem, pois predominava também a desigualdade educacional – foi que a escola não era para todos, evidentemente só continuava os estudos quem podia pagar. Com isso, os números de exclusão de repetência e a evasão se tornavam cada vez maiores. A minha vontade era tanta de continuar os estudos que, com a inocência de criança, pedi ajuda para algumas escolas, mas nunca recebi retorno.

Aos 11anos fui trabalhar na lavoura de tomate com meus pais. O tempo passou, mas os sonhos de menina não. Sabia que um dia ia conseguir.

Por ler e escrever muito bem, aos 14anos consegui o meu primeiro emprego, de laboratorista, e logo fui promovida para a administração.

Tentei por várias vezes voltar a estudar, mas ainda não era possível devido ao fato de morar afastado da cidade e não ter, naquela época, o ônibus coletivo. Conquistei confiança e grandes amizades, por partes dos colegas de trabalho, os qual muito fortaleceram o meu crescimento intelectual. Sempre muito dedicada e atenciosa, mantinha laços de emoção e afetividade com todos, sempre valorizei o respeito mútuo e a individualidade dos colegas. Tive algumas dificuldades, quanto à formação escolar, pois alguns colegas estudaram até a Universidade, e eu estava num nível profissional alto, mas não tinha formação, apenas a experiência e a dedicação. Não deixei que esta desigualdade ferisse meu ser novamente, acredito que as marcas deixadas por minhas professoras Eni e Maria Pacheco elevaram a minha auto-estima e fortaleceram a minha personalidade e os meus conhecimentos, de tal forma que jamais me sentiria tímida ou com medo de enfrentar qualquer problema novamente.

No curso de pedagogia do Proesf tive acesso a estudos de Wallon (1975) onde o autor deixa claro que educar foi e continua sendo uma tarefa eminentemente social.

“..., Em todas as épocas, a educação dirige-se ao futuro das crianças. O grande estimulante deve ser a alegria do amanhã. Ele tende a alargar eternamente o seu horizonte, misturando-as com círculos cada vez mais amplo da sociedade, e a fazê-las atingir o nível mais elevado que torna sucessivamente possível cada etapa do seu desenvolvimento,...”
(WALLON, 1975, p.240)

Nessa perspectiva, considero que o professor deve lançar seu olhar com uma visão ampla, sempre visando o futuro do seu aluno, para que este saiba com firmeza escolher seu caminho, com confiança em si próprio. A serenidade que o autor enfoca o assunto acima nos leva a meditar é impossível que uma criança torne-se corajosa se não encontrar em sua vida oportunidades para extrair a coragem que oculta dentro de si.

É necessário que todo professor tenha consciência de sua responsabilidade na relação professor e aluno, para um bom desenvolvimento da leitura e escrita, pois estará preparando seu aluno para desenvolver sua capacidade intelectual e acreditar no seu potencial para a construção da sua história.

A LUTA PARA A CONQUISTA DE UM IDEAL: SER PROFESSORA!!!

“Há aqueles que lutam um dia; e por isso são muito bons; há aqueles que lutam muitos dias; e por isso são muitos bons; há aqueles que lutam anos; e são melhores ainda; porém há aqueles que lutam toda a vida; esses são imprescindíveis”.(Bertold Brecht)

Após, contrair matrimônio em 1978, larguei o meu emprego e passei a residir na cidade de Nova Odessa. Logo a esperança de voltar a estudar e realizar o sonho antigo floresceu-se dentro do meu ser.

No final da década de 80 iniciou-se o movimento da valorização do ensino Brasileiro, quando passa-se a ter uma nova visão educacional, a “Educação Emancipadora”. Juntamente, a luta pela igualdade social e educacional começa a ganhar força, é instituído o ensino fundamental (da primeira a oitava série) e a educação passa a ser obrigatória e gratuita. Também é criada a educação de jovens e adultos (o supletivo), e quem não tivera acesso à escola, na idade certa para frequentar uma sala de aula, agora teria uma nova chance de voltar a estudar.

Com certeza, decidi lutar pelos meus sonhos. Posso dizer sonhos, pois se já havia passado por tantas barreiras, agora também não seria diferente. Casada, com três filhos pequenos e a imposição do meu esposo, muitas etapas ainda estariam por vir.

Embora sem apoio, aos 36 anos de idade, fiz minha matrícula no CEESA (Centro Educacional De Educação Supletiva de Americana), na cidade de Americana, pois esse curso seria o ideal para mim: o sistema de ensino oferecido era de módulos com cada disciplina, eu estudava em casa e me locomovia até a escola para fazer as provas e, com a aprovação concluída, iniciaria a disciplina seguinte. O tempo do curso dependeria da disposição e dedicação do aluno, os professores ficavam nas salas específicas de cada disciplina e se dispunham a dar explicações individuais para eliminar as dúvidas, caso o aluno necessitasse antes de realizar a prova equivalente ao módulo estudado.

As dificuldades ainda estavam por vir: meus dois filhos já frequentavam a escola, mas a minha filha, com quatro anos, ainda não e não tinha aonde deixá-la para ir à escola, então optei por levá-la comigo. Qual foi minha grande surpresa, com a professora de língua portuguesa, Maria Helena, ainda muito jovem, grande educadora,

conquistei sua confiança e respeito e tornei-me admiradora dela; contava a ela sobre meu desejo de ser também professora, das dificuldades, do caminho que percorri. Conversávamos sobre seu trabalho e as mudanças que ocorreram no conceito da educação. Ficava fascinada ao ouvi-la, uma grande simpatia e amizade nascia entre nós e, percebendo minhas dificuldades e meu grande esforço para dedicar-me aos estudos, propôs a me ajudar, entretendo minha filha enquanto eu tirava as dúvidas e fazia as provas. Mas uma vez podia contar com a solidariedade e afeto de uma professora que também, talvez, sem perceber que com sua postura afetiva e mediadora, contribuía para o meu desenvolvimento intelectual e social, permitindo mais uma vez que pudesse acreditar que realizaria o meu sonho, digo a minha paixão de ser professora.

Com muito empenho, dedicação e esforço, com cinco meses de estudo, especificamente aos dias 02 de Agosto de 1990, recebia o certificado de conclusão do 1º Grau no CURSO SUPLETIVO, MODALIDADE SUPLENÇA, e estava habilitada a prosseguir os estudos em nível de 2º Grau. Ao receber o certificado das mãos do Diretor Deoclecio Antonio de Souza, além dos parabéns, fui informada que eu havia batido recorde no tempo do curso, fui a 1ª aluna a concluir o curso em cinco meses de duração.

Minha formação do Magistério

Em 1991, com a entrada da minha filha na pré-escola, matriculei-me na ESCOLA ESTADUAL JOÃO XXIII, em Americana, no CURSO TÉCNICO PROFISSIONALIZANTE MAGISTÉRIO. A escola era enorme, pois funcionava o ensino fundamental desde a 1ª série até a 8ª série e o ensino Médio (Colegial) e o Curso do Magistério. No início, fiquei um pouco atordoada, fora do meu lugar, olhava para os lados a observar tantos jovens, mas logo abracei a idéia e cai na real! Estava muito feliz, buscava a conclusão definitiva do meu grande sonho, ser professora. Lá estava eu, a mais velha da classe, Turma A. Reiniciei meus estudos como se fosse esta a grande e última chance da minha vida; não queria perder tempo, precisava provar a mim mesma que era uma vencedora, que podia conquistar minha identidade profissional, escrever minha história como sempre sonhei.

Parti, então, para uma nova caminhada, novos horizontes, novas descobertas. Conquistei o respeito de todas as meninas que faziam questão de colaborar para o meu aprendizado. É claro, eu tinha algumas dificuldades, mas estava fascinada com tantas professoras, entre elas a de língua portuguesa, a minha amiga professora Maria Helena, que, com muito carinho e afeto, me ajudou a vencer mais uma batalha. Sempre dedicada, compromissada, autêntica a ouvir e expressar seu afeto sem fazer diferença, nossa amizade continuou muito expressiva. A mesma relação de amizade aconteceu com as outras professoras do curso durante o ano inteiro.

No decorrer do ano, passei por momentos difíceis, pois não contava com a colaboração do meu esposo, mas não desisti e consegui freqüentar o curso até o final do ano letivo, sendo promovida para o ano 2º ano do magistério.

Uma mudança no rumo do meu sonho

No ano seguinte, não consegui voltar para as aulas, devido os horários de escola dos meus filhos não coincidirem com os meus. Mas uma vez, o sonho de ser professora teria que esperar, a luta tinha que recomeçar.

Informada de que a escola estava com um novo projeto, o curso de Magistério seria ministrado em aulas específicas das disciplinas do curso, facilitando para quem já havia cursado o ensino médio. Matriculei-me na EEPG. DANTE GAZZETTA, em Nova Odessa, cidade onde resido, para cursar a suplência do ensino médio, assim poderia estudar no período noturno. Como já havia frequentado o 1º ano equivalente, teria que concluir os dois últimos anos.

Dessa maneira terminei o ensino médio. Logo fiz minha matrícula novamente para cursar o magistério. Desta vez, já contava com o apoio e incentivo do meu esposo que passou a me ajudar, pois percebera a minha luta, persistência, coragem e garra para alcançar os meus objetivos de ser uma profissional da educação.

O caminho que percorri foi longo, muita tristeza, mas também muitas alegrias, emoções, aprendizado, experiências. Quantas pessoas conheci, nesta caminhada! Apesar das idas e vindas, eu vivi e consegui.

Aos 40 anos de idade, recebia o meu diploma (Habilitação Especial de 2º grau para o Magistério) e estava apta para prosseguir os estudos em nível superior ou 3º Grau. Iniciei como estagiária no Estado: o salário era irrisório, mas estava muito feliz, realizada; ajudava os professores na preparação das aulas, orientava os alunos com dificuldades de aprendizagem, substituía na falta de professor. Estava sempre atenta a observar o trabalho dos professores: alguns ainda mantinham o conceito tradicional, portavam-se como meros transmissores de conteúdos, não se preocupavam com a relação professor-aluno, sem nenhum gesto de aproximação, um olhar mais carinhoso; permaneciam as maiores partes das aulas sentados, ou de costas, escrevendo na lousa; os alunos sempre muito calados, o silêncio era total. Mas havia outros professores que me chamavam a atenção, eram atenciosos, amorosos, preocupados com o desenvolvimento dos alunos como um todo. A professora Martha, uma senhora que já estava para se aposentar, destacava-se como educadora e eu ficava encantada ao vê-la na fila de entrada com seus alunos. Muito carinhosa e com gestos delicados, arrumava a gola da camisa de seus alunos, ministrava as aulas com muito afeto, valorizava o

diálogo, andava entre as carteiras observando as atividades dos alunos e quando, percebia alguma dificuldade, logo estava ela bem perto, debruçava na carteira, sempre muito atenciosa, com olhar carinhoso, falando baixo. Quando eu a substituía, percebia a diferença dos alunos, tanto no comportamento como na aprendizagem.

Hoje, ao lembrar-me da professora Martha, sua postura, autenticidade e disposição, sinto muitas saudades dela, pois foi durante o tempo que trabalhei como estagiária ao seu lado que decidi que tipo de professora eu seria. Com a formação acadêmica do curso de pedagogia do Proesf e o conhecimento da pesquisa de Tassoni (2005), que aponta: "... agachar-se em frente à mesa, inclinar-se para ver o trabalho são exemplos de posturas que mostraram a maneira como o aluno é acolhido em suas dúvidas(...)aspecto de interação amplamente identificados pelos alunos como fator positivo para a aprendizagem..." (p236), penso que todo professor deve refletir na sua postura, como desenvolver seu trabalho em sala de aula. Ao ressaltar o trabalho da professora Martha, sua atuação, não faço como modelo de docência, mas como fonte de inspiração para continuarmos a busca por um melhor caminho para alcançar nossos objetivos, com o coração e a mente dos nossos alunos.

Sempre desejei ser uma professora com perfil que fizesse a diferença, por isso, além dos estágios que sempre me ajudaram na minha formação profissional, procurei embasamentos teóricos que sustentassem a minha visão do conceito educacional. Com a preocupação de não me tornar uma professora autoritária, por isso meu esforço maior, não queria que meus alunos passassem por situações semelhantes às minhas, com marcas profundas em suas vidas pessoal e profissional. Nessa época procurei ler livros de autores como: Paulo Freire, Wallon, Vigostk e outros que tratassem da questão afetividade e da relação professor-aluno, pois como citei desde o início, esse assunto sempre fez parte da minha realidade, mas somente com a formação acadêmica pude interagir melhor com esses autores.

A PRIMEIRA CLASSE: NOVOS RUMOS E DESAFIOS

“O operário precisa inventar, a partir do próprio trabalho, a sua cidadania que não se constrói apenas com sua eficácia técnica, mas também com sua luta política em favor da recriação da sociedade injusta, a ceder seu lugar menos injusta e mais Humana” (Paulo Freire, 1996)

Apesar de saber que o magistério não oferecia a formação completa, e teria que ingressar na universidade para adquirir melhor respaldo teórico pedagógico, foi com o pensamento citado acima do mestre Paulo Freire que dei início à minha profissão, pois sempre considerei que todo profissional, seja qual for a sua área de trabalho, deve estar disposto a criar, renovar e saber usar novas ferramentas no momento certo, a partir daquilo que acredita, estando embasado numa luta política a favor da construção de uma sociedade com novos valores. Desse modo, todo professor deve ter em mente uma proposta educativa com objetivos a formar cidadãos com autonomia e liberdade de expressão, que aprenda a lidar com as diferenças de idéias, constituindo-se no espaço em que vive conforme sua cultura e que aprenda a construir o seu eu, pois dessa maneira estará a incentivando o aluno a explorar o mundo em que vive.

Foi com muita expectativa que iniciei minhas atividades como educadora em uma escola estadual, na periferia da cidade, em uma sala com 30 alunos de uma 2ª série, com idades entre sete a onze anos.

Ao dialogar com as colegas de trabalho que já trabalhavam na escola há algum tempo, os comentários eram desanimadores. Relatavam que muitos daqueles alunos já estavam na 2ª série há vários anos, e não conseguiam aprender. Talvez problemas familiares, falta de interesse em aprender da parte dos alunos fizeram com que elas (as professoras) desistissem de ensinar.

Por nenhum instante me deixei abater: forte, decidida, lá estava eu na sala de aula, com pouca experiência e teoria para desenvolver o meu trabalho.

Com a classe toda em silêncio, olhando para mim como se estivesse a me analisar dos pés a cabeça, ou a me desafiar, parei, fiquei atentamente a observar um por um dentro dos olhos, tentando ler os seus pensamentos. Por alguns instantes vieram à mente lembranças da minha trajetória. Com ar tranqüilo, segura dos meus atos, da postura que escolhi ter como perfil profissional de educadora, dei início ao meu trabalho.

Não foi fácil, pois me vi diante de uma realidade que não esperava, apesar de já ter sido avisada. Alguns alunos ainda não eram alfabetizados, logo percebi muita insegurança, medo e timidez por parte de alguns, a indisciplina também fazia parte daquela sala de aula.

Não foi difícil perceber que aqueles alunos precisavam de algo mais que conteúdos, algo que deixasse eu me aproximar deles e ganhar a confiança de cada um. Por isso, antes de qualquer atividade de conteúdo, decidi começar a trabalhar a auto-estima daqueles alunos, pois se sentiam fragilizados, sem consciência de si mesmos e de suas capacidades de atenção e aprendizagem. Queria oferecer a eles algo de positivo em suas vidas, para que passassem a ter confiança em si mesmos, que pudessem considerar a própria capacidade de criar e construir coisas novas, nunca por eles vividas. Leite (2002), enfatiza que:

“decisões de ensino inadequadas dificultam o processo de aprendizagem e as implicações envolvem também as dimensões afetivas, podendo os referidos conteúdos tornarem-se aversivos para a vida futura do aluno. Tudo indica que o sucesso e o fracasso da aprendizagem têm claras implicações na auto-estima do aluno...” (LEITE, 2002, p. 25)

Procurei trabalhar a auto-estima dos meus alunos, no intuito de ajudar em sua aprendizagem. Mais uma vez, foi através do curso de pedagogia do Proef que pude conhecer e estudar relatos de pesquisa como os desse autor, e confesso que me senti muito tranqüila porque, mesmo sendo leiga no assunto, agia da maneira correta com os alunos.

Comecei por uma conversa bem informal e pedi que cada um falasse sobre sua vida, onde morava, o que mais gostava, que contassem sobre a família, o melhor amigo. Dessa maneira, ao contar sobre o mundo cultural em que viviam, sentiam-se importantes, pois alguém estava interessando-se por eles. Ao ouvir tais histórias, algumas me deixavam chocadas, outras indignadas, outras emocionadas, eu, as ouvia atentamente. Desse modo também dei a eles uma certa liberdade para que pudessem me conhecer melhor e nos tornarmos mais íntimos e, assim, criar ou nascer um entrelaçamento entre nós, pois queria que entendessem que eu não os obrigaria a aprender.

Aprofundei meus estudos em Tassoni (2005), que afirma: “A relação que se estabelece entre professor e aluno, sem dúvida, marca a relação entre aluno e a escrita.

Os próprios alunos acabam evidenciando essa estreita ligação” (p.226). Começar meu trabalho com base na vivência e a realidade dos alunos foi uma tentativa, e hoje, com a formação do Proesf e conseqüentemente com maior conhecimento teórico, estou confiante na minha prática docente. Na época tudo foi mais difícil, mas não hesitei em tomar atitudes e correr atrás de um bom desenvolvimento do meu trabalho. Penso que o professor deve buscar todo conhecimento possível, juntamente com uma visão de trabalho que priorize a aprendizagem significativa. Não simplesmente “desistir” como se não houvesse mais nada a fazer. O aluno deve ser visto como um todo, o professor que possui uma visão diferente de educação, digo de relação professor-aluno no dia-a-dia em sala de aula, ao desenvolver seu trabalho sabe respeitar as dificuldades e limitações, favorece a interação, dá ênfase à afetividade, possibilitando a transformação e o desenvolvimento cognitivo do aluno.

O trabalho não foi fácil: sem incentivo por parte da direção e colegas de trabalho, precisei de muito entusiasmo e principalmente considerar o potencial de cada aluno.

Aos pouco esta intimidade proporcionou lugar a novas descobertas: o afeto, a confiança e o respeito. Consegui resgatar em algum tempo a auto-estima dos meus alunos - digo meus alunos porque, a escola como um todo nunca se interessava por eles. Ao considerar o pensamento de Almeida (1999).

“... na escola, como em qualquer outra estância social o indivíduo está presente como pessoa completa, sujeito de conhecimento, sujeito de afeto. Portanto, a escola não deve negligenciar, subestimar ou até mesmo suprimir o espaço da emoção em suas atividades. A escola e, principalmente, o adulto precisam conhecer o funcionamento da emoção para aprender a lidar adequadamente com suas expressões...” (ALMEIDA, 1999, p.102)

Fico desolada ao lembrar quando cheguei à escola e vivi a realidade descrita acima, quanto à atitude do corpo docente. Considerando que a escola é a principal influência externa para a construção da afetividade, devendo possibilitar a interação dos grupos, a formação e o desenvolvimento pessoal do aluno. Assim continua a autora:

“... O desenvolvimento afetivo e o intelectual são aspectos diversos de uma única realidade: o desenvolvimento pessoal do indivíduo. Eles são inseparáveis, pois o desenvolvimento de um depende do outro...” (ALMEIDA, 1999, p. 102)

É primordial que a escola, juntamente com todo o corpo docente, tenha um olhar voltado para o desenvolvimento total do aluno, levando em consideração a sua cultura, pois tudo que envolve o ambiente escolar, acolhimento, planejamento, funcionários, professores, conteúdos, livros, etc são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo do aluno. E esta base afetiva o aluno carregará para sempre em sua vida.

No mundo atual em que vivemos, é necessário que a escola tenha como compromisso comprometer-se não apenas com o cognitivo do aluno, mas também com o seu desenvolvimento social e emocional. É necessário que a escola favoreça a construção da auto-estima, priorizando a vivência coletiva dos alunos.

Apesar das dificuldades que enfrentei e da falta de formação profissional mais adequada, sempre mantive o compromisso de uma profissional da educação com o olhar completamente voltado para a relação professor-aluno e também olhando para o desenvolvimento da aprendizagem. Em pouco tempo de trabalho percebi um enorme progresso e interesse da maioria dos alunos. A expressão facial de tranquilidade de cada um era visível e demonstravam alegria, confiança, que era percebida até na hora do recreio por todos os inspetores, que ficavam perplexos com a calma dos “meus” alunos e a interação entre eles.

Foi nesse convívio de interação que os profissionais que trabalhavam na escola passaram a observar e respeitar aquelas crianças.

UMA NOVA OPORTUNIDADE DE EXERCITAR A MINHA PRÁTICA

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo de busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (Paulo Freire)

Apaixonei-me por aquela escola - digo “aquela” por hoje não trabalhar na mesma - também pela comunidade e principalmente pelos alunos. Hoje ao refletir sobre minha passagem por aquela escola, ou seja, por aquela comunidade situada na periferia, longe de tudo, quase abandonada, penso que foram esses os motivos que me levaram a continuar o meu trabalho como educadora na unidade, com objetivo de aprofundar a interação afetiva entre os professores, n o processo ensino-aprendizagem.

Novamente com uma 2ª série do ciclo inicial, tomei por base a experiência do ano anterior e não medi esforços para iniciar o trabalho, sempre incentivando o desenvolvimento do trabalho em grupo, pois os alunos não conheciam regras, não sabiam o que era limite.

A busca por novos rumos se fazia necessário. Encontrar novos caminhos e alternativas pedagógicas que contribuíssem para a mudança no comportamento dos alunos como um todo na escola, para não se sentirem rejeitados, pois eram seres humanos integrantes daquele ambiente escolar. Queria que se tornassem mais participativos, compreensivos, e pudessem interagir como seres sociais, ampliando o conhecimento e compreendendo que limites e regras fazem parte do cotidiano do ser humano, amenizando as dificuldades de convivência e aprendizagem. Considerando que, segundo Wallon:

“as normas que sua participação no grupo lhe impõe obrigam a criança a regular a sua ação e controlá-la perante o outro como se estivesse diante de um espelho; obrigam-na, em suma, a fazer uma imagem como que exterior a si própria e de acordo com exigências que lhe reduzem a espontaneidade absoluta e a subjetividade...” (WALLON, 1986 apud ALMEIDA, 1999, p.105).

O autor afirma que a norma ajuda a participação da criança; sendo assim, penso que, quando decidi por trabalhar em grupo foi uma das melhores práticas pedagógicas que adotei na época. Hoje sei que é o melhor caminho para desenvolver a interação

afetiva, pois oferecer a oportunidade da criança de conviver num ambiente estruturado de amizade e respeito mútuo, proporciona a participação, quando bem dirigido e planejado e com o intuito de incluir e seguir regras, onde cada um desenvolve sua tarefa e principalmente de reconhecer sua capacidade de respeitar a si próprio mediante o outro. Esta interação de grupo, conduzida de maneira saudável e tranqüila, tem forte poder sobre o desenvolvimento da criança tanto social como na formação da sua personalidade.

Por saber da importância afetiva entre professor-aluno e os efeitos desse investimento no desenvolvimento para um processo mais produtivo da aprendizagem dos alunos, busquei construir um espaço de diálogo para uma conversa com a classe, onde todos poderiam colocar suas idéias e experiências. Nesse diálogo, procurei dar exemplos positivos de trocas interpessoais, falei sobre funções sociais, respeito mútuo entre as pessoas, valorizei a amizade e o papel de cada um dentro da sociedade. No decorrer dos primeiros dias de aula procurei enfatizar a relação de respeito com a interação do trabalho em grupo. Ao desenvolver a minha prática pedagógica, busquei valorizar as regras e a relação de colaboração e respeito com todos os profissionais envolvidos naquele espaço escolar, mostrei a eles que juntos construiríamos um ambiente de harmonia dentro e fora da sala de aula e que a mudança não dependeria só dos professores, ou só da professora, eles teriam que colaborar e cumprir o papel de suas funções sociais. Não ofereci a eles fórmulas mágicas de boa convivência, mas era necessário esclarecer que cada pessoa é responsável pelos seus atos.

No intuito de valorizar o potencial de cada aluno, busquei trabalhar com carinho e dedicação, pois tudo era como o plantar de uma sementinha que precisava ser regada e bem cuidada. Assim cuidei do meu jardim: quantas vezes, ao chegar na sala, percebia um botão murcho e lá ia eu cuidar, conversar com dedicação e dosagens de palavras pensadas e adequadas. Nesses momentos a professora Marta vinha à mente, o quanto eu admirava suas atitudes ao debruçar-se nas carteiras para conversar com seus alunos olhando nos olhos; eu sempre inspirei meu trabalho em suas atitudes, e assim com o mesmo empenho fui transformando a vivência da sala de aula. Confesso que, tive muitas dificuldades com alguns alunos, que insistiam em manter-se distantes e desinteressados, a aproximação muito difícil, às vezes me sentia desapontada, quero dizer impotente.

Um desses alunos, considerado o mais difícil da escola, suspenso por várias vezes, transferido para minha sala, pois era rejeitado pelas outras professoras devido a

sua indisciplina, ficará marcado para sempre na minha memória. Assustado e carente, demonstrava tristeza profunda, pois era considerado “endemoninhado e incompetente”. Não estava no meu conceito profissional concordar com esse pensamento de indiferença por parte da equipe de profissionais e da diretora e por esse motivo aceitei o aluno na minha sala. Precisava então, pensar em algo para a nossa aproximação.

Descobri que, aos 12 anos de idade, o aluno não era alfabetizado, não conhecia nem mesmo o alfabeto, seus pensamentos sempre negativos e com um histórico familiar fundamentado em muitas desavenças, não poderia realmente corresponder a nenhuma expectativa de aprendizagem. Passei a incentivá-lo elogiando o pouco que desenvolvia na sala de aula, pensava cautelosamente nas atividades baseadas no nível de cada um, sempre priorizando a realidade do aluno e respeitava a cultura vivenciada por ele na sua comunidade. Desse modo, com as atividades específicas, consegui despertar o interesse desse meu aluno que tão logo começou a conhecer as primeiras palavras, tornando-se mais interessado, mais disposto, aprendeu a ouvir e a falar no momento certo, e aos poucos deixou de ser agressivo.

Com o desenvolver do trabalho de interação com os grupo, logo pude perceber que mexia com os sentimentos dos alunos. Numa certa aula, ao estar desenvolvendo um trabalho de produção de texto com poesia onde escreviam seus sentimentos e vivências pessoais no dia-a-dia, após a correção cada um apresentava espontaneamente a sua escrita para a classe e fiquei feliz e emocionada ao perceber o desejo do aluno em ler o que havia escrito, vi seus olhos cheios de lágrimas. Nesse momento, lembrei-me de quando cursava a 4ª série do ensino primário (hoje ensino fundamental) com a professora Maria Pacheco, que com carinho me incentivou a ler e recitar poesias, despertando em mim o interesse e o gosto para a aprendizagem da escrita e da leitura de modo prazeroso e espontâneo.

Hoje ao ler e refletir sobre CHALITA (2004) que afirma que “o grande pilar da educação é a habilidade emocional” (p.230), sinto grande emoção e orgulho pelo desenvolvimento do meu trabalho com os alunos daquela classe da 2ª série, onde pude adquirir maior experiência, com os erros e acertos, juntamente com as trocas de emoção, afetividade e conhecimento, a qual pude viver ao lado dos alunos. Sempre considerei que as interações emocionais possibilitam e conduzem a criança a transcender seus horizontes e sua subjetividade possibilitando a sua inserção na vida social. Em relação à emoção Wallom (1986) compreende que:

“... a existência das emoções pressupõe o plano social. Elas dependem de reações coletivas e são componentes de ação. Sua natureza resulta expressamente de um traço que lhes é essencial: sua extrema contagiosidade de indivíduo para indivíduo. Elas implicam relações interindividuais; dependem de relações coletivas; o meio que lhes corresponde é o dos seres vivos...” (WALLON, 1986, p.145)

Considerando a idéia desses autores, penso que todo profissional da educação deve ter como prioridade a competência e o comprometimento, ao zelar pela convivência do ambiente escolar. Nesse aspecto é importante compreender as emoções e sentimentos presentes na vida de cada um, pois é impossível trabalhar sem esse conjunto de interesse, visto que são os afetos que desencadeiam as ações de cada indivíduo. Assim, ao trabalhar as emoções do aluno, o professor terá a ferramenta necessária para o desenvolvimento cognitivo e social.

Com a perspectiva de um futuro de qualidade e com olhar voltado para os desenvolvimentos cognitivos, sociais e intelectuais dos educandos, sempre com o compromisso de promover a interação afetiva, mostrei a eles que esse seria o melhor caminho para a aprendizagem significativa e a importância do relacionamento professor-aluno e aluno-aluno. Nesse aspecto sempre priorizei o afeto, a amizade.

O trabalho em grupo brotava e florescia em total harmonia, desse modo desencadeou o interesse de todos os envolvidos. A resposta logo viria principalmente por parte dos pais, que passaram a se interessar e participar do desenvolvimento e da aprendizagem dos filhos, passando a frequentar mais as reuniões, questionando sobre a aprendizagem, fazendo elogios, agradecendo pelo trabalho, dedicação e afeto para com os seus filhos.

Ao perceber o interesse dos pais, falei com a diretora para que pudéssemos desenvolver algo para facilitar a interação da comunidade com a escola. Ela, para minha alegria e admiração, mostrou-se disposta a colaborar no que fosse necessário e deu-me liberdade para o desenvolvimento do trabalho em unir escola-família-aluno. Foi nessa perspectiva que lancei mais um desafio em minha vida profissional, pois sempre considerei que poderia mediar a relação entre pais-professor-alunos.

FAMÍLIA: IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO E INTERAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

“... a relação desses sujeitos com a escrita, por meio da leitura, ocorreu desde o ambiente familiar, através de mediadores (pai, mãe avós, tios, professores, etc) que já tinham uma presença marcadamente afetiva em sua vidas. Ou seja, ...num ambiente marcado por mediações essencialmente afetivas...”
(LEITE,2006 p.17)

Segundo o autor, a importância da família como principais mediadores para o desenvolvimento da leitura e escrita da criança é essencial e tenho a certeza de ter desenvolvido de maneira correta os meus princípios de profissional da educação, o qual já citei acima quando expus acreditar na integração e interação dos pais dos alunos, ao incentivar a aproximação e o comparecimento desses a sala de aula nas reuniões. Sempre soube da importância do professor reconhecer-se como mediador entre a família-escola-aluno e por considerar esse aspecto de mediação, sempre procurei desenvolver trabalhos e atividades pedagógicas que proporcionasse a confiança dos pais e o interesse dos alunos, a fim de fortalecer o vínculo entre nós. Ao apresentar os trabalhos desenvolvidos na sala de aula, cartazes, poesia, produção de livros de história, etc, percebia a alegria no rosto de cada pai ao reconhecer o trabalho do filho. Assim, facilitava a aproximação e dava abertura para o diálogo. Nas reuniões e conversas na porta da sala de aula, sempre enfatizei e procurei mostrar aos pais a importância da interação entre escola e família.

Sabia que muitos pais não eram alfabetizados, por isso não podiam ajudar o filho: “Não sei ler professora, não sei como ajudá-lo”, por várias vezes eu ouvi essa frase. Em uma dessas conversas, enfatizei a minha experiência com meus pais que também eram analfabetos e nem por isso deixaram de incentivar a leitura e a escrita, talvez não da maneira que eu gostaria que fosse, mas do jeito deles ao perceberem a importância da alfabetização na vida das pessoas e o quanto esse aspecto da leitura fazia falta para eles. Falei também que a família é a primeira e a mais importante educadora da criança, em nossas conversas sempre procurei incentivá-los com o propósito de dar liberdade para que se sentissem mais à vontade e valorizados como pessoa. Sempre soube da carência das famílias da comunidade, tanto afetiva como social e financeira,

por isso tinha que saber como conversar, para que não se sentissem menosprezados ou diferenciados.

O respeito e a forma de falar com esses pais foi de grande importância: houve pai que procurou aliar-se a mim para poder ajudá-lo na educação de seu filho, pois o mesmo se comportava de maneira diferente em casa. Passei então a orientá-lo, com fundamentos na frase de Freire (1996) que nos revela “uma das tarefas pedagógicas dos pais é deixar óbvio aos filhos que sua participação no processo de tomadas de decisões deles não é uma intromissão, mas um dever até, desde que não pretendam assumir a missão de decidir por eles” (p.120). Desse modo procurava mostrar a ele que a afetividade, o apoio e cuidados que deveria ter para com o filho, deveria ser um comportamento decisivo, e o filho teria que se sentir seguro no ambiente familiar, pois a confiança, a valorização, o diálogo entre pai e filho é primordial para a boa relação afetiva, contribuindo para o desenvolvimento da maturidade e competência do filho e para o desenvolvimento da aprendizagem. Tornei-me grande aliada dos pais.

Com total harmonia, e com o apoio da diretora da escola e toda a equipe docente, principalmente a coordenadora - a qual, até então, não havia demonstrado nenhuma reação, ou seja, mudança de postura, mas após o reconhecimento da transformação afetiva, social e cognitiva dos alunos e de todos elementos envolvidos naquela realidade escolar passou a ter outra visão da comunidade. A partir daí procuraram buscar novos caminhos, com planejamentos e práticas pedagógicas adequadas à realidade da cultura dos educandos.

Hoje, com mais experiência e com o curso de pedagogia do Proesf, muitas coisas mudaram em mim: sou mais forte, sinto-me mais segura nessa mediação, principalmente ao incentivar os pais dos alunos atuais na participação do desenvolvimento da aprendizagem. Nas reuniões procuro enfatizar que, conforme minhas experiências e práticas pedagógicas engajadas a teorias, os alunos que podem contar com a ajuda e disposição dos pais para desenvolver tarefas diárias, por menor tempo que seja, conseguem um melhor desempenho na leitura e escrita e sentem-se mais seguros. Explico aos pais que o mais importante é a qualidade e não a quantidade, qualquer gesto de carinho de diálogo torna-se fundamental, que não é necessários livros didáticos, qualquer objeto promove a construção do conhecimento; desse modo os aspectos afetivos engajados de igual maneira são motivo de aprendizagem, desde que seja, apresentado à criança com carinho e atenção.

Com a postura de interação entre escola-professor-aluno-família, penso que todo profissional da educação deve ter o olhar voltado para os aspectos afetivos, sempre tendo o cuidado de levar em consideração a realidade da comunidade, pois a escrita não é somente produto escolar, é um produto de toda uma sociedade, principalmente da família a qual a criança faz parte. É fundamental a responsabilidade dos pais, pois família-escola devem formar uma constante interação com parcerias engajadas num só objetivo: a formação e a construção da criança como ser competente para desenvolver sua própria cidadania.

PROESF: A TRANSFORMAÇÃO DO CONHECIMENTO!!!

“Há, para todas as coisas, um tempo determinado por Deus” (Eclesiastes 2,3)

Como nada é em vão, e o que nos faz viver é a esperança da realização dos nossos sonhos e a busca por tudo aquilo que acreditamos ser o melhor para nós e para as pessoas que amamos, quando aprendemos que o melhor da vida são os nossos propósitos para um mundo melhor, tudo pode acontecer.

Aos 53 anos estou realizando um sonho, um grande passo após uma espera de 30 anos. Tudo de bom começa a acontecer em minha vida: a efetivação do meu trabalho e a concretização da formação acadêmica.

Com a mudança do sistema da educação, mas precisamente com a municipalização do ensino fundamental, tornou-se difícil o meu trabalho como professora em regime de CLT nas escolas estaduais da região, devido a eu somar pouca pontuação. Então fui obrigada a me afastar do magistério por algum tempo e durante esse período procurei freqüentar cursos isolados de formação profissional como jogos matemáticos, como contar histórias e outros, para que eu não ficasse desatualizada.

Em 2003, depois de muita luta e estudo, através de concurso consegui a efetivação que tanto desejava como professora de nível I, na secretaria da educação da cidade de Sumaré. Escolhi a escola EMEF PROFESSORA FLORA FERREIRA GOMES, onde trabalho até hoje. Sempre gostei de trabalhar com os primeiros anos do ensino fundamental, as 1ª e 2ª séries, talvez pela experiência vivida anteriormente ou por identificar-me melhor com essa faixa de idade. Logo que ingressei na secretaria, tomei conhecimento do PROESF, Curso de Formação de Professores, oferecido pela UNICAMP, em convênio com as prefeituras da região metropolitana de Campinas, da qual Sumaré faz parte.

O curso veio ao encontro dos meus desejos de um melhor embasamento teórico, o qual é fundamental para o profissional da educação. Desse modo completaria e enriqueceria a minha formação.

Desde o início do curso, procurei desfrutar da grande conquista, sendo assídua em todas as aulas; vivenciei cada momento, cada fala dos professores (as), tudo foi de grande valia, a qual cada dia, cada aula era proporcionada por muito conhecimento, alegria e realização. As disciplinas que mais enfatizaram o aspecto afetividade foram: Avaliação, Temas Transversais, Teoria Pedagógica, Produção em Ciências, Produção

em Artes e muitas outras, que abordaram a afetividade-professor-aluno em sala de aula e em todo o âmbito escolar e social, destacando pensamentos e teorias de autores como Wallon, Vigostik e outros ligados à educação e à psicologia.

Quero destacar a disciplina Teoria Pedagógica e Produção em Língua Portuguesa, por ter contribuído para minha decisão quanto ao tema que escreveria o meu Memorial de Formação de Curso.

Logo nas primeiras aulas, a AP. Micheli que, ministrava as aulas dessa disciplina, pediu para que todas as alunas escrevessem uma produção de texto contando como aconteceu nossa alfabetização. Nesse instante descobri o quanto a afetividade fez parte da minha realidade, desde a infância, na formação escolar como já citei anteriormente. Esse aspecto afetividade esteve presente e ainda está presente em minha vida profissional e pessoal.

Não posso deixar de enfatizar as aulas de Atividades Culturais, as aulas magnas, onde cada profissional soube enriquecer e colaborar para o esclarecimento e interação entre a UNICAMP, Auxiliares Pedagógicos (APs) e graduandos. Desse modo, o curso aconteceu com ótimo desenvolvimento, a reciprocidade, o respeito estiveram presentes em todos os aspectos no decorrer desses três anos, nos quais todos trabalharam para um mesmo objetivo: a transformação do conhecimento e da aprendizagem.

Com aulas muitas bem elaboradas (seminários; filmes; aulas expositivas; etc), pude ter a certeza de que todo professor precisa de muita fundamentação teórica para o enriquecimento e complementação do seu trabalho, e é imprescindível saber lidar com sentimentos e emoções. Desse modo, poderá desenvolver vínculos afetivos, entender e conhecer seus alunos para ajudá-los a inserir-se na sociedade e principalmente superar dificuldades da aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retornando o caminho percorrido no desenvolvimento desse trabalho de formação de curso, entendemos a necessidade de um novo cenário para a educação: no mundo contemporâneo que estamos, não se pode mais restringir a questão do desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem somente à dimensão cognitiva, pois o aspecto afetividade é fundamental integrante desse processo. Toda a prática pedagógica deve ser elaborada com ampla reflexão voltada a atitudes de respeito à cultura a qual cada criança está inserida.

Levando-se em consideração que o indivíduo é ser único e pensa simultaneamente, devemos refletir sobre que tipo de cidadão queremos formar e a partir daí, estar analisando questões como, por exemplo, de onde partir, para onde ir, qual caminho seguir para contribuir no desenvolvimento da personalidade e aprendizagem do aluno. Sabemos que a afetividade deve estar presente em todas as atitudes do professor para com o aluno, sendo o professor mediador entre família-escola-aluno e principalmente na relação entre alunos e conteúdos escolares. Nesse contexto, a mediação desenvolvida pelo professor deve ser de carinho, amizade, acolhimento, simpatia, valorização do outro. Com essa postura o professor faz a diferença, deixa suas marcas, as quais se estenderá por toda a vida do aluno, marcas que favorecerão toda a sua capacidade de reflexão, relação e conduta pessoal e, desse modo, o fortalecerão sua auto-estima.

Dessa maneira, o professor busca não só o desenvolvimento cognitivo e vínculos afetivos entre todos os elementos, mas também aponta caminhos para a construção de personalidades e cidadania dos seus alunos. Nesse sentido, vemos que um professor mediador deve ser dotado de muito conhecimento, garra e habilidades pedagógicas, ou seja, humildade, pois essa qualidade é a principal virtude de alguém que se dispõe a educar um educar significativo, permeado de uma relação afetiva duradoura. Foi com essa reflexão que tive a oportunidade de viver situações privilegiadas de aprendizagem no curso de pedagogia, situações de análises que contribuíram para o meu crescimento profissional e pessoal.

Os ensinamentos que recebi durante o curso vieram ao encontro dos meus conceitos de professora, modo de pensar e agir, reforçando, renovando e intervindo na minha prática pedagógica, incentivando-me a um olhar mais amplo diferente. Posso dizer que hoje, com os conhecimentos teóricos muito profundos em autores já

anteriormente citados, entendi que a aprendizagem não se dá sozinha, isolada, mas faz parte de todo o contexto escolar.

Sabemos da importância do diálogo que estabelecido entre professor e alunos como o fator mais importante no processo da aprendizagem: o professor deve engajar laços afetivos no intuito de despertar o interesse e a motivação, sempre com muito cuidado para que os educandos desenvolvam os conteúdos com vontade e prazer. Percebemos nessa caminhada que ainda existe professores que não similaram a importância de colocar um pouco de afeto em sua ação pedagógica desenvolvida no seu dia-a-dia, impedindo o desabrochar de sentimentos e interesse que permita o aluno perceber que a escola é a continuidade do seu lar, mas acreditamos na mudança dessa postura!

Professor
Professor, educador...
Gente de fibra, de coragem.
Sabedoria, esperança, traz na bagagem.
Na jornada da vida, sofrimento,
Pensar em desistir talvez,
Sempre enfrentando o tormento,
Pra alcançar o mérito, tudo fez.

Professor, que nos olhos da criança
vê um futuro de esperança,
que sente na pele, o pouco valor
que lhe é dado, mas retribui com amor,
sim, amor pela profissão
e pela arte de ensinar
se envolve de corpo, alma, mente, coração,
sua sina é conquista, nada de parar...

Ser professor é ser um amante do saber.
Ser professor é viver pra ensinar.
Ser professor é libertar pra vida cada ser.
Ser professor é querer...é sentir...é amar...
(NORONHA, Bruno Duarte)

Considerando que a afetividade norteia o processo da aprendizagem e o quanto me sinto feliz e orgulhosa por contribuir para a construção do saber de futuros homens e mulheres, esta poesia retrata e findiza o que é para mim ser professor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. *A Emoção na sala de aula*. Campinas: Papyrus, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LEITE, Sérgio Antonio da Silva. *Afetividades e Práticas Pedagógicas*. ALLE Grupo de Pesquisa: Alfabetização Leitura e Escrita, 2006.

LEITE, Sérgio Antonio da Silva. *Alfabetização e Letramento: Contribuições para as práticas pedagógicas*. Coleção ALLE Alfabetização: Leitura e Escrita, 2005.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. *Dimensões afetivas na relação-professor-aluno*. Afetividades e Práticas Pedagógicas. ALLE Grupo de Pesquisa: Alfabetização Leitura e Escrita, 2006.

CHALITA, Gabriel. *Educação: A solução está no afeto*. São Paulo, 12ª edição. Ed. Gente, Brasília, 1998.

WALLON, Henri. A atividade proprioplástica. In: WEREBE, M.J.G. & NADELBRULFERT, J. Henri Wallon. Antologia. São Paulo, SP: Ática, 1986.